

Gramsci e a geopolítica: um debate sobre poder e território

ÉRIKA AMUSQUIVAR

Jundiá: Paco Editorial, 2021. 274p.

*Marcos Aurélio da Silva**

A obra *Gramsci e a geopolítica*, de Érika Amusquivar, resulta da tese de doutorado em Ciência Política que a autora defendeu junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, no âmbito das pesquisas em torno do pensamento de Gramsci conduzidas pelo PEPOL – Laboratório do Pensamento Político. Não é irrelevante registrar o ambiente acadêmico em que essa pesquisa foi elaborada, associando-se a muitos esforços semelhantes acerca das relações entre espaço, política e o pensamento de Gramsci que se desenvolvem no âmbito internacional, com destaque para as pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Inglaterra, geralmente por geógrafos, mas também na própria Itália de Gramsci, importante entre os filósofos. No Brasil, o esforço da autora é quase isolado, já que a Geografia, a área mais dedicada aos estudos espaciais em nosso país, pouca contribuição tem oferecido ao tema, ela que no contexto da redemocratização avançara fortemente no aprofundamento do marxismo, dando lugar à chamada Geografia Crítica. O recuo agora observado, não há dúvida, reflete o chamado *revisionismo histórico* que domina nosso tempo.

Eis por que o livro de Amusquivar, com amplo domínio crítico da literatura geográfica clássica acerca das relações entre território e poder político – leia-se da geopolítica dos Estados –, vem em muito boa hora. Se o revisionismo do qual

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: m.aurelio.silva@ufsc.br

falamos tende a edulcorar as contradições de Friedrich Ratzel, o teórico do “espaço vital” (*Lebensraum*), distorcendo o significado do imperialismo ao qual terminaram por se vincular suas ideias em torno da *Politische Geographie* – expressão apenas da “colonização” e não da “conquista”, afirma-se –, o livro que o leitor tem em mãos não perde de vista as possibilidades de instrumentalização dessas ideias pelos teóricos da geopolítica de agressão que chega ao nazismo. Esse é o tema do Capítulo 1, “Gênese da geopolítica e seu impacto na história mundial”, que faz uma rigorosa reconstituição histórica das origens do termo “geopolítica”, pela primeira vez utilizado pelo sueco Rudolf Kjellén, autor que se remete explicitamente às “sugestões que Fr. Ratzel tinha dado em *Antropogeografia* (1882) e *Geografia Política* (1897)” (p.59). Essa é a primeira instrumentalização da visão ratzeliana do Estado como um “organismo vivo”, mas não será a última, mesmo se Ratzel, morto em 1904, já não vive ao tempo da ampla difusão do conceito depois da Primeira Guerra Mundial. De fato, se a réplica do revisionismo se põe a falar de leituras “anacrônicas”, seria o caso de perguntar por que Herder, em alguma medida uma influência de Ratzel, foi considerado impossível de instrumentalização pela historiografia do Terceiro Reich (V. Klemperer, *A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, p.223), enquanto o “trágico paradoxo” em que se enredou a *Politische Geographie* de Ratzel – capaz de distinguir corretamente geografia, geografia de Estado e Geografia Política, mas ao mesmo tempo de “adaptar” a “função política do conhecimento geográfico” às “novas exigências da organização burguesa” (F. Farinelli, “Friedrich Ratzel and the nature of (political) geography”. *Political Geography*, n.19, 2000, p.951-952) – foi uma presa fácil dessa instrumentalização. A difusão da geopolítica do *Lebensraum* segue na Alemanha do entreguerras com o general Karl Haushofer, que se dedica ao estudo de Ratzel, Kjellén e do geógrafo inglês Mackinder, de quem toma a ideia do “heartland” – o bloco eurasiático cujo controle asseguraria o poder mundial. Em Munique, Haushofer foi professor de Rudolf Hess, um dos protagonistas da criação do partido de Hitler e um dos “principais condutores das leis antisemitas na Alemanha”, tendo mesmo chegado ao “posto de vice-führer”.

O Capítulo 2, “A geopolítica em Antonio Gramsci e a tradição italiana”, investiga a difusão das ideias geopolíticas na formação social da Itália, destacando a recepção que Gramsci deu a elas. O leitor dispõe aqui de uma reconstituição da Geografia italiana e sua evolução até o período fascista. Certamente, ela não é uma simples cópia das reflexões alemãs. Giuseppe Dalla Vedova, formado em Filosofia e Geografia, e com destacado papel na “redefinição dos pilares conceituais” desta disciplina na Itália do século XIX, já em 1873 sustenta uma visão organicista de mundo. No entanto, em 1918, publicando na *Nuova Antologia* um artigo em defesa do utilitarismo em Geografia, o mesmo Dalla Vedova irá evocar Ratzel para insistir no papel das “condições físicas do globo” sobre as “condições humanas”, a dar lugar a uma “verdadeira geografia utilitária”. A aproximação mais estreita com as ideias alemãs é feita, todavia, por Ernesto Massi, geógrafo na região de Trieste,

“alvo de disputa territorial da Itália com o Império Austro-Húngaro”. Ele traduz Haushofer e busca contato com Rudolf Hess, tendo se aproximado do ministro fascista da educação Giuseppe Botai, que seguia os passos de Giovanni Gentile com vistas a uma “reformulação da educação que contemplava o nacionalismo italiano”. Gramsci se interessa por um artigo publicado em 1927 na *Nuova Antologia* pelo geógrafo Roberto Almagià, discípulo de Dalla Vedova e destacado propagador do ensino de geopolítica e da Geografia na Itália. Mesmo que nem sempre estejamos diante de um estreito determinismo – como era já o caso de Ratzel –, Gramsci manteve dessas ideias a devida distância, interpretando “o nexos entre as questões espaciais e políticas” como produto da “dinâmica das hegemonias e não como um aspecto determinístico do espaço sobre a política estatal” (p.101).

O Capítulo 3, “A geopolítica e as categorias espaciais nos *Quaderni*”, avança na compreensão deste nexos com o olhar voltado aos *Cadernos do cárcere*. Ele percorre categorias geográficas tantas vezes visitadas por Gramsci, como a “fronteira” entre o nacional e o internacional, a “orientação” Norte e Sul, ou a “delimitação” Ocidente e Oriente, explorando o caráter de “interpenetração de contrários” que elas encerram. Trata-se, na precisa leitura da autora, de expressões “ético-políticas”, “construções histórico-culturais” consoantes aos processos de hegemonia. Não obstante, Gramsci não é um autor para quem as *coisas* só ascendem à existência por meio das *palavras*. Consciente da necessidade de criticar o subjetivismo mais vulgar, ele não subestima a objetividade do “mundo exterior”, também ela geográfica. O Iêmen, “trampolim para o mundo árabe”, é uma região “das mais férteis da Arábia, e sua posição geográfica” pode proporcionar “certo potencial econômico”, insiste. Mas as estruturas materiais não figuram mecanicamente, como simples espelho, na superestrutura. Aquilo que é “objetivo” é “humanamente objetivo”, correspondendo ao “historicamente subjetivo” ou “universal subjetivo” (Gramsci, *Q 11*, § 17). Por outras palavras, o momento ético-político faz-se momento *catártico*, “ponto de partida para toda a filosofia da práxis”, porque é a “elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens” (Gramsci, *Q 10 II*, § 6).

Por fim, vale registrar um ponto do livro aberto ao debate entre os pesquisadores gramscianos. Partindo de Frank Rosengarten e Adam Morton, a autora propõe que a dialética inerente aos pares de categorias geográficas com os quais opera Gramsci deveria ser remetida à noção de desenvolvimento desigual e combinado elaborada por Trotsky – com quem Gramsci tivera contato na Moscou de 1922, durante o IV Congresso do Comintern (p.164). Não há dúvida de que esta seja uma noção inerente à Geografia de Gramsci. Resta saber se ela não remete, antes, como insistiu Gianni Fresu, à “concretude da formação social sarda”, às “experiências de vida e observação cuidadosa do seu mundo”, depois ressurgidas “nos anos de militância socialista” (Antonio Gramsci, *o homem filósofo*. São Paulo: Boitempo, 2020, trad. Rita Coitinho, p.216).

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Multidão fotografada

Steve Edwards

Comunismo e organização

Peter Thomas

Transição ao capitalismo

Fabien Tarrit

Dialética no "Capital"

Hans Fulda

Guerra civil nos Estados Unidos

Karl Marx e Friedrich Engels

Dossiê: Análises marxistas da Revolução Russa

Valério Arcary, Márcio Naves e Erick Fishuk

45